

# CAPA

# BATINA



BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

- Instituição de Utilidade Pública -

Av. Almirante Reis, nº 256 - 1º Esq. - 1000 Lisboa • Telef. 849 45 65 • Fax 840 86 64

NR10 - 2ª Série - Outubro/97

## EDITORIAL

Lançar o olhar sobre “A CANÇÃO E O FADO DE COIMBRA” - pela emanção, que constituem, da cultura coimbrã e do espírito de que imbuíram todos quantos percorreram a vetusta Universidade e pelo substrato que servem à preservação desse espírito - tem sido prática constante da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa e das suas hómologas, no quotidiano das actividades desenvolvidas por cada uma.

Hoje, porém, surge como imperativo académico guindá-los aos planos nacional e internacional, se não acima, ao menos a par das outras canções e fados portugueses, com as expressões que, ao longo dos tempos, têm representado o sentir e a mensagem das diferentes gerações suas culturas.

Dai que a nossa Comemoração da “Tomada da Bastilha” vá, neste ano, enformar todo um Hino à Música de Coimbra, desde a HOMENAGEM ao JOÃO BAGÃO - seu grande compositor e intérprete, à guitarra - passando por um DEBATE (inédito entre nós) em redor do tema, congregando o interesse e a participação de cantores e instrumentistas de idades e experiências diversas, ao lado de estudiosos ou... simplesmente amantes da música de Coimbra, até à EXPOSIÇÃO de vários espólios, sob a forma de pautas, discos, brochuras, fotografias, instrumentos, etc... que os seus donos ou possuidores vão orgulhar-se de exhibir!!!

Não será nunca excessivo acarinhar, aprofundar e divulgar as manifestações da cultura que a Universidade de Coimbra sempre primou, como nenhuma outra, em transmitir aos que por ela passam, com um prestígio e notoriedade reconhecidos para lá das fronteiras, gerando laços a unir indelevelmente os seus Estudantes, actuais ou antigos, onde quer que se radiquem.

Tanto assim que, no presente, se assiste, por um

lado, ao recrudescimento do movimento associativista dos Antigos Estudantes, com a criação de novas Associações e ao avigoramento destas, através da constituição (em marcha) do órgão de cúpula, a Federação; e, por outro, a um apelo feito à nossa Associação (aquando da sua “Viagem ao Oriente”) pelo Encarregado do Governo de Macau, no sentido de estabelecer um “*Protocolo de Colaboração com a Universidade de Macau*”, cujo objecto visaria alargar a intervenção, já hoje preponderante, da Universidade de Coimbra naquela outra Instituição e promover o intercâmbio cultural e a solidariedade académica com os alunos que forem saindo, a perdurar para além dos limites temporais da dominação portuguesa.

Mas o feito mais valoroso, pela sua abrangência, cifra-se no despertar - que conseguimos finalmente! - de alguma da Comunicação Social para a nossa existência no tablado cultural e social, pela via e segundo os moldes que a seguir vêm descritos.

Também nunca é tarde para dar a conhecer e render o devido preito a quem o merece em primeira linha: **a Universidade de Coimbra, a sua cultura e os seus estudantes!**

E que o apoio concedido, nesta senda, pela **Rádiodifusão Portuguesa, Antena 1**, ganhe os seus frutos e redunde, para nós, em permanente e calorosa Vitória!!!

Enquanto isso, emprestemos o nosso habitual sentido de justiça ao retumbante APLAUSO que, na “Tomada da Bastilha”, iremos dar a um dos “monstros sagrados” da Comunicação Social : o FERNANDO PESSA, Antigo Estudante de Coimbra que espera de nós, apenas, a proverbial irreverência académica !

**Coimbra está viva! Ajudem a eternizá-la!!!**

Fátima Lencastre

# A COMUNICAR É QUE A GENTE SE ENTENDE

A Direcção da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, preocupada com a divulgação e promoção das diferentes manifestações culturais e sociais da Academia de Coimbra, decidiu lançar um desafio à Comunicação Social falada, que mereceu o melhor acolhimento pela **Rádiodifusão Portuguesa, Antena 1**. Esta iniciativa revestir-se-á da forma de um programa de rádio com periodicidade mensal, com os seguintes objectivos programáticos:

1. Aprofundar e alargar o espaço e canais de comunicação entre as diferentes gerações de estudantes de Coimbra;

2. Dar a conhecer as suas actividades e a de outras Associações de Antigos Estudantes de Coimbra;

3. Divulgar de forma pedagógica a cultura coimbrã, em particular no que se refere à **Canção e ao Fado de Coimbra**, relevando a sua importância histórica e perspectivando contributos e tendências futuras. Este trecho deverá ser desenvolvido, sempre que possível, com a presença em estúdio de cultores da canção coimbrã, desde os consagrados até aos novos

valores que emergem das escolas de fado, merecendo aqui destaque o trabalho desenvolvido pela Secção de Fado da AAC;

4. Divulgar os trabalhos e contributos de antigos estudantes de Coimbra com interesse relevante para a Sociedade civil, nos planos social, científico, económico, político, cultural, entre outros. Este capítulo deverá revestir-se de uma breve entrevista com o convidado seleccionado.

5. Divulgar e informar sobre as actividades correntes da Universidade de Coimbra em termos de leccionação, Docência, trabalhos científicos, entre outras de interesse público.

Sem prejuízo da divulgação possível no âmbito deste programa, cujas edições deverão arrancar em Janeiro próximo, ficou acordado com a Direcção de Programas da Antena 1 promover outras actividades pontuais da AAECL, cujo anúncio e divulgação, quer pela sua natureza, quer pela oportunidade, não sejam passíveis de inclusão no âmbito de um programa mensal.

*António Ribeiro*

## SECÇÃO DE FADO DA A.A.C.

### DA IDEIA À REALIDADE

É em 1979, tendo por base o Movimento de Pró Reorganização e Restauração da Praxe Académica de Coimbra, que surge a ideia de criação da Secção de Fado da A.A.C., a qual se pretendia voltada para a divulgação do Fado de Coimbra e da Cultura Académica Coimbrã, ao tempo tão aviltadas.

Após várias “peripécias” de resistência, que, com maior ou menor dificuldade, foram sendo ultrapassadas, era entregue uma sala da Associação Académica para sede da Secção de Fado da A.A.C..

O primeiro passo foi criar uma **Escola de Fado** para todos aqueles que quisessem aprender a tocar e a cantar Fado de Coimbra e donde saíram a maioria dos intérpretes e dos **Grupos de Fados** que se constituíram a partir de 1980 até aos dias que correm e que tantos êxitos e prestígio têm trazido à Academia.

Foi editado um CD “*Coimbra, Baladas, Fados e Guitarradas*”, que reúne diversos trabalhos originais da autoria dos monitores e dos Grupos de

Fados que ali tiveram origem, desde o início até aos dias de hoje.

Para aglomerar as muitas donzelas que estavam inscritas na Secção e que não tinham, naturalmente, lugar nas Escolas de Fado, dinamizou-se um espaço de iniciação à guitarra clássica. Mas elas queriam mais, muito mais! Então partiu-se para outra aventura e criou-se a **Orquestra Típica e Rancho**, cujo objectivo era o de dançar e cantar exclusivamente o folclore da região de Coimbra. Ao longo dos seus 16 anos de existência, a “**Típica**” apresentou o seu vasto repertório por todo o país e em programas de televisão. Lá por fora, além de França, Finlândia e S.Tomé e Príncipe, destaca-se a participação nas 31ª e 32ª EUROPEADE, um Festival Internacional de Folclore, e ainda, no ano de 1996, a sua presença num Festival na Roménia onde obteve 7 diplomas, tendo sido o grupo mais galardoado.

A “Típica” organiza anualmente o *Encontro*

*Nacional de Etnografia e Folclore*, (ENEF), na semana anterior à Queima das Fitas, que conta já com 5 edições. Por altura da Festa das Latas organiza o *Festival Académico de Folclore* que este ano terá a sua 4ª edição.

Mas, em 1981 a Direcção da Secção de Fado tomou em ombros a organização do Sarau da primeira Queima das Fitas do período pós-revolução. Os Organismos Autónomos da Academia não se mostraram disponíveis para participar e porque do programa não poderia constar apenas Fado e Folclore, criou-se por isso, nessa altura, a **Orxestra Pitagórica**, que veio preencher o espaço vazio da irreverência e o de dizer coisas sérias a rir. É que o estudante quase tinha esquecido o que de mais sério há: a alegria e o espírito académico.

Nesse tempo, a Orxestra juntou os instrumentos sérios com os seriíssimos (sanitas, autoclismos, sinais de trânsito, chapéus de chuva com guizos etc.) e lançou ao público o seu reportório cénico e musical de cariz vincadamente “gargalhórico” e popular, dando o toque estudantil a algumas pitorescas músicas que popularmente são entoadas por esse Portugal.

Ao longo da sua existência, a Pitagórica calcorreou todo este Portugal de lés a lés e participou em diversos programas de televisão. Lá pelas estranhas, já se mostrou em França, Espanha e Itália. Em final de 1996, editou o seu primeiro trabalho discográfico.

Corria o ano de 1984 quando a 15 iluminados, entre copos e pevides, ocorreu a lembradura de recuperar o espírito da “velha” Estudantina Académica de Coimbra, no seio da Secção de Fado. E foi assim que, a 16 de Março de 1985, subiu ao palco pela primeira vez (em terras da Póvoa de Lanhoso), a **Estudantina Universitária de**

**Coimbra**, o primeiro grupo do género a ressurgir em Portugal. E pelos vistos foi uma ótima ideia, pela quantidade de Tunas universitárias (surgidas como cogumelos) que existem hoje.

Longo é o curriculum da nossa Estudantina e recheado de êxitos, pelo que vamos apenas destacar a participação, por 2 vezes, na **Tomada da Bastilha da nossa querida Associação no Casino do Estoril**, a deslocação a Sevilha à Expo 92 nas comemorações do Dia de Portugal, a deslocação a S. Tomé e Príncipe, da qual resultou a Associação Coimbra - S. Tomé e a assinatura de diversos protocolos de cooperação entre a Universidade de Coimbra e aquele país, nomeadamente através dos H.U.C., e finalmente, ainda, a deslocação a Itália em Maio de 1994 por ocasião da visita oficial de Sª Exª o Presidente da República, Doutor Mário Soares.

A Estudantina foi agraciada com a medalha de Mérito do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, é Tuno de Honra das Tunas de Arquitectura de Valladolid e de Direito de Múrcia e encontra-se geminada com as Tunas Universitárias de Salamanca e Zaragoza, Quarentuna de Alicante e Arquitectura de Valladolid.

Conta já com 2 trabalhos discográficos editados, dos quais foram necessárias várias reedições e encontra-se a preparar o terceiro. Organiza anualmente o FESTUNA (Festival Internacional de Tunas Universitárias), que decorre na Queima das Fitas no Jardim da Sereia, e, recentemente, foi editado o CD “V FESTUNA”, composto por temas das diversas Tunas intervenientes e gravado ao vivo! Um conselho: se puderem, oiçam-no com atenção...

E por tudo isto é constituída a nossa querida Secção de Fado da Associação Academia de Coimbra. Continuai, **malta!**

*Jorge Fernandes*

## COIMBRA E SALAMANCA

### A UNIÃO CONTÍNUA

Em 1996, os antigos Tunos da Tuna Universitária de Salamanca formaram uma associação de antigos Tunos que contou com o apadrinhamento de Sª Magestade o Rei de Espanha e a denominação de “Real Asociación de Antiguos Tunos de la Universidad de Salamanca” e da qual fazem parte antigos Tunos de diversas Universidades Espanholas que mantêm boas relações com a Universidade de Salamanca. Alguns antigos elementos da “Estudantina Universitária de Coimbra” tiveram a honra de ter sido convidados a pertencer a esta prestigiosa Associação. Entre estes contam-se três elementos que pertencem à nossa Associação e que integram os “Madre-Christo”; são eles o Jorge Fernandes, o Miguel Sousa e o Joaquim Afonso. **Prova-se mais uma vez que Coimbra continua bem viva nos nossos corações.**

*Jorge Fernandes*

# PASSEIO DA PRIMAVERA À REGIÃO DA GUARDA

- Impressões da Viagem -

Como já é hábito, a Direcção da nossa Associação organizou para esta primavera o passeio que, desta vez, rumou para a região da Guarda, com paragem em Condeixa.

Antes destas pequenas impressões de viagem, eu quero, sinceramente, felicitar a nossa Direcção pelo grande esforço e muito cuidado posto nesta iniciativa.

O programa foi muito bem elaborado. Associou a parte propriamente turística a uma componente cultural que tinha em vista uma região, cheia de história, intimamente ligada à defesa das nossas fronteiras, desde tempos medievais até às invasões francesas.

Numa área carente de unidades hoteleiras, saliente-se o enorme esforço para arranjar infra-estruturas de apoio a cento e cinquenta sócios que durante os três dias tomaram parte no passeio.

Por tudo o que fizeram, os meus parabéns renovados.

A meio da manhã chegávamos a **Condeixa**. Fomos gentilmente recebidos pelo Presidente da Câmara, Eng<sup>o</sup> Jorge Bento, antigo estudante de Coimbra, que nos recebeu com toda a simpatia, levando a sua hospitalidade ao ponto de nos obsequiar com um agradável beberete.

Seguiu-se a visita à *Casa Museu Fernando Namora*, onde admirámos o enorme acervo documental que é o espólio deixado pelo grande escritor que também foi nosso associado.

No próprio edifício da Câmara pudemos também visitar e admirar a *Galeria Manuel Filipe*.



Parte do Grupo junto da "Galeria Manuel Filipe"

Depois das despedidas e dos agradecimentos ao Eng<sup>o</sup> Jorge Bento, seguimos pra Coimbra onde nos esperava o almoço no restaurante "Alfredo".

Depois deste, seguimos para a região da **Guarda**.

O programa indicava para esse primeiro dia uma visita a Celorico da Beira, Pinhel e Trancoso. Destaco a recepção calorosa que tivemos nos Paços do Concelho de **Pinhel**, um bonito solar do séc. XVIII que foi pertença dos "Antas e Menezes". Saudou-nos, logo à entrada, um bom conjunto musical.



A assistência a aplaudir o conjunto musical

No salão nobre, o Presidente da Câmara, Cap. António Miranda Cavalheiro, deu-nos as boas vindas, em palavras de uma singeleza e concisão notáveis, reiterando os seus agradecimentos pela nossa presença, obsequiando a Associação com um lindo prato de estanho com as armas de Pinhel e a todos com uma caixa do famoso vinho de Pinhel.



O Presidente da C. M. de Pinhel, na sua calorosa saudação

De seguida, o Dr. Laurindo Saraiva fez uma breve, mas interessante exposição sobre a história da Cidade.

A nossa Presidente, na sua Terra e no seu Município, agradeceu em nome da Associação.

Estas terras por onde passámos constituíram o célebre anel defensivo da fronteira das Beiras. Todas elas com os seus castelos e muralhas, melhor ou pior conservados, e as suas antigas casas mereceram-nos a nossa melhor atenção.

O castelo de **Celorico**, com a acção que teve na crise de 1383 - 1385 bem como o de Trancoso com as suas muralhas da época Dinisiana e as ruínas da antiga capela; Pinhel com a sua Igreja de Santo António, antigo convento de frades capuchos que visitámos, e Almeida, cheia de velhas casas com a sua muralha a circundá-la, interessaram-nos vivamente.

Jantámos em **Almeida** no restaurante "Muralha", seguindo para Vilar Formoso, onde pernoitámos.

Cumprindo o vasto programa do passeio, partimos no dia seguinte para Almeida, que visitámos, e em seguida, para **Vila Nova de Foz-Côa** e Guarda.

Tivemos no ilustre Governador Civil da Guarda, Dr. Fernando Lopes, companheiro de curso da Fátima, o maior dos apoios, carinho e interesse por esta jornada que redundou numa feliz iniciativa da Direcção.

O nosso Passeio da Primavera, através de uma região de grande interesse cultural, teve no seu itinerário o agora famoso *Parque Arqueológico do Vale do Côa*.

Mais uma vez o grande interesse do Senhor Governador Civil da Guarda, que nos acompanhou quase

sempre durante todo o passeio, foi de grande valimento. Se não fôsse a sua acção junto da G.N.R., a visita às gravuras não poderia ser proporcionada a tantas pessoas. A visita não é possível, por agora, a tão numeroso grupo como era o nosso, pelo que alguns tiveram de ser eliminados por sorteio.



O Governador Civil da Guarda e os "auxiliares" da visita às *Gravuras*

O acesso às *Gravuras Rupestres*, que não é nada convidativo, é feito em transporte privativo do Centro de Recepção até ao alto da Canada do Inferno.

Daí ao Côa um guia acompanha o visitante a quem vai prestando os seus ensinamentos. Tivemos o privilégio de ser a própria Directora do Gabinete, a quem muito agradecemos, a guia sabedora que nos acompanhou.



A Directora do Gabinete (ao centro) junto de uma das *Gravuras*

Os nossos colegas que não puderam ir às gravuras aproveitaram o tempo para uma visita a **Vila Nova de Foz-Côa**, que tem na Igreja matriz, com o seu portal manuelino, e na Câmara Municipal as suas melhores obras de arte.

Com a presença em **Trancoso** do Governador Civil, terra da sua naturalidade, sentimos o verdadeiro antigo estudante de Coimbra, que em alto posto da governação, ajuda e prestigia iniciativas de antigos escolares.

Os agradecimentos de todos nós, também pela sua generosa oferta de um excelente jantar no Hotel Turismo, e a sua presença no sarau e, sobretudo, pela companhia que nos fez na visita à cidade da **Guarda**.

Também ao Sr. Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz-Côa, que nos honrou com o almoço servido no Turismo local, agradecemos todas as suas gentilezas.

Depois do jantar na Guarda, seguiu-se o *Sarau* que correu muito bem.

Tivemos o prazer de ver o *Rancho Folclórico do Centro Cultural da Guarda* e ouvir o seu *Orfeão*, que é um prestigiado conjunto de muitas e boas vozes. Todos os mais números foram do nosso agrado.

Quanto à nossa colaboração, diga-se que mereceu os maiores aplausos. Os *Fados e Guitarradas*, os *Pontos Cardeais* que, cerzidos, são pau para toda a colher e a *Menina do Capuchinho Vermelho*, da autoria do Gustavo Cerdeira, agradaram muito à assistência que enchia por completo a sala.

Quero deixar nestas minhas notas de viagem toda a surpresa que senti em saber da grande vocação para o teatro, que eu não conhecia, na nossa Presidente.

Ainda bem que está ali uma grande futura actriz.

Suspirei de alívio ao ver que o lobo mau não cortou tão promissora carreira...

O último dia do programa foi preenchido com a visita à Guarda, guiada pelo Dr. Alves Ambrózio.

Por muito que se conheça uma terra há sempre qualquer coisa que escapa ao forasteiro desprevenido.

O Dr. Alves Ambrózio, com a sua magistral lição, deu-nos um panorama da cidade no seu aspecto cultural e humano, levando-nos a visitar o seu *Centro Histórico* que é dos mais ricos do País.

As Torres de "Menagem" e dos "Ferreiros", a Porta da Erva, a Sé em todo o seu esplendor com as duas torres que lembram Santa Cruz de Coimbra, e todos os edifícios e recantos da Rua Direita, foram roteiro do nosso ilustre guia, que nunca se escusou a satisfazer a nossa curiosidade.

Com as despedidas e os agradecimentos, devidos ao Dr. Alves Ambrózio e ao Dr. Fernando Lopes que nos acompanhou, seguimos para Linhares.

**Linhares** é Património Nacional a preservar.

Nesta vila medieval, que nasceu a deslado da grande via militar romana que atravessava a Serra da Estrela em direcção a Mérida, há um conjunto de edifícios que são autênticas jóias em toda a sua pureza.

A Casa-Fortaleza, a Albergaria, o palácio Côrte-Real, a Domus Municipalis, o Pelourinho, o Fórum, a Fonte Romana, etc., etc., causaram a mais viva admiração. Foi uma visita que nos encantou.

Com a ida a **Folgosinho** e o almoço pantagruélico que se seguiu, continuou o passeio por **Gouveia**, onde houve uma paragem que serviu para uma visita à Câmara Municipal, um belo edifício que sofreu grandes obras de restauro e que em tempos foi a velha Casa da Torre, antiga residência dos Marquêses de Gouveia (Távoras), cuja construção foi iniciada em fins do séc. XVII.

Os jardins dos claustros chamaram a atenção dos colegas, que não se eximiram às habituais fotografias.



Assim terminou este inesquecível passeio que em todos deixou saudades.

João Maria

# FLORENCIO NETO DE CARVALHO

- Evocação -

A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Porto teve a feliz lembrança de homenagear "a memória dum antigo colega que em Coimbra encarnou o que de mais romântico nos prende à juventude", no dia 13 de Junho, aquando da inauguração das suas novas instalações (Parabéns!!!).

Um dos seus Sócios ofereceu à nossa Associação a imagem que conserva do Florêncio, que aqui registamos (depois de "pagos" os devidos direitos de autor...):

## «O INESQUECÍVEL «COMPADRE» FLORENCIO

É sabido que os alentejanos se tratam, uns aos outros, e aos amigos do coração, sejam de onde forem, por «compadres». Mas, quem diz alentejanos diz ribatejanos. E o Florêncio, ribatejano de Alpiarça dos quatro costados, sempre distinguiu os seus amigos mais chegados, fossem do Minho, do Douro ou do Algarve, pelo fraterno chamamento de «compadre». «Não é nada disso, compadre». «Eu bem te dizia, compadre». «Então tu não queres saber, compadre...». E assim por diante.

O meu relacionamento com o Florêncio vem de Coimbra, que ainda é a melhor terra do Mundo para se acrisolar e eternizar uma amizade. Amizade nascida em Coimbra é eterna. Podem duas almas coimbrãs estarem um ror de anos sem se verem que, ao primeiro reencontro em «Cascos de Rolha», logo correm uma para a outra a abraçarem-se sem a menor hesitação e recomeçam a conversa interrompida «in illo tempore» com o mais natural dos «tus cá, tus lá, vai para onde eu agora não digo»... Não dizem os de Lisboa e outras bandas que «os de Coimbra» são uma máfia ?!

Como ia dizendo, conheci o «compadre» Florêncio em Coimbra, aí pelos idos de 1951. Onde? Ou foi no Teatro - Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC) - ou no «Palácio» - o velho «Palácio da Loucura». Por esse tempo já nós, os «loucos», havíamos deixado os primitivos «Paços» da Rua das Flores, nº 18, e mudado a «traquitana» para a Rua de Antero de Quental. Em boa verdade mudáramos, mais propriamente, de senhorio - o eterno e infernal «inimigo» dos estudantes. Foramos «obrigados», por assim dizer, a atravessar o «canal» e a trazer a tralha de escantilhão na «carripa» do Chico da Académica.

Por essa altura era difícilimo, mesmo a um bom «pater familiae» futrica, conseguir uma casa para arrendar, quanto mais para instalar uma

«república». Com efeito, a velha «alta» havia-se desmoronado por mor de ali se apinhar uma espécie de acrópole de gosto discutível. Vi cair os Arcos do «Castelo» e do «Bispo» por debaixo dos quais passaram gerações e gerações de estudantes.

Por isso, foi uma bela façanha conseguir aquela boa casa da Rua de Antero de Quental, nº 21, para reinstalar o «Palácio». Mas, por favor, ninguém diga, lá no Além, ao bom do Senhor Mingocho (o novo senhorio), honrado comerciante de Celas, que eu «faltei à verdade» quando o convenci que éramos onze irmãos, órfãos de pai e mãe, vindos de Trás-os-Montes, com uma tia solteirona no rasto para nos fazer o comer em potes de «Bisalhães».

- Onze irmãos? Não será uma «República»?

- Oh Senhor Mingocho, por quem é, nem pensar!

A nossa mãe todos os anos deitava mais um ao Mundo e precisamos muito de estudar e trabalhar. Somos muito pobrezinhos, mas muito honradinhos. Se for preciso, até damos o Senhor Bispo por fiador..

Felizmente não precisei de pedir «indulgências» ao Senhor D. Ernesto por ter invocado o seu reverendíssimo nome em vão. Como batesse com a mão no peito, logo o Senhor Mingocho me tomou como o mais sério dos rapazes de Trás-os-Montes.

Não quero deixar de dizer que os «palacianos» vindouros - e são passados quase cinquenta anos - nunca deixaram de pagar «religiosamente» as rendas sucessivamente vencidas, primeiro ao Senhor Mingocho e depois aos seus herdeiros.

Mas, voltemos ao Florêncio. O Florêncio não era propriamente um palaciano «a tempo inteiro», como agora se diz. Ora aparecia do nascer ao pôr-do-Sol, ora desaparecia noites seguidas. Era um palaciano de «honor».

Mas, em havendo festa «centenária», «milénária» ou simplesmente comemorativa do dia que passava, desde que fosse para prolongar a noite, aí aparecia o Florêncio, com o seu aberto e bondoso sorriso de «clown», com o seu andar quebrado à maneira do Charlot e a sua capa a desfazer-se em tirinhas como a «gabardinita» do Cantiflas. E era vê-lo a conversar e a cantar horas a fio, pela noite dentro, quer ao desafio com o Camacho, o Rolim ou qualquer outro que aparecesse, umas vezes acompanhados, outras não, pelo Brojo e pelo saudoso Portugal. Mas, dissertar sobre o fado e a balada de Coimbra só ele, grande mestre, tudo sabia sobre a História e a «Arte de Bem Cantar Todo o Fado».

E que linda voz tinha o Florêncio! Não era uma voz de peito que chegasse às alturas do «Penedo» ou atravessasse o rio até às escarpas de Santa Cla-

ra ou planasse do «Choupal até à Lapa». A sua voz era sussurante, de salão, ou mesmo de alcova, a desfazer-se em pedacinhos de ouro velho vertidos em ouvido de mulher moço.

«Lá longe, ao cair da tarde...».

Mas as «noites brancas» do Florêncio não se ficavam por aqui. Por vezes, puxava das suas memórias de estudante errante entre Lisboa e Coimbra, de curso em curso, desde as Engenharias às Geofísicas, desde o Técnico às Belas Artes... Até ao dia em que o pai resolveu «tirar a limpo» onde se sumiam os seus tostões. É a velha história, tantas vezes repetida desde que D. Dinis, o Poeta Lavrador, fixou os Estudos Gerais em Coimbra.

- «Ai não estudas, corto-te a mesada» - foi o que fez o pai do Florêncio, que não era poeta, mas somente «lavrador muito honrado», como o da Barca do Purgatório.

Muito honrado e, já agora, muito anti-clerical. Tão anti-clerical e tão ribatejano que dizia a cada passo, sem qualquer reboço e sem olhar para o lado: «Padres, de ganaderia nenhuma!».

E disse ao filho: «Ou voltas para casa, que nunca te há-de faltar uma malga à mesa, ou corre Mundo à tua custa».

Foi o que o Florêncio fez. Partiu a malga e deitou-se ao caminho. Acabou a «fazer de tudo» no Circo Mariano, desde arrumador do «respeitável público» a parente pobre dos «Augustos de Soirée», sem embargo de se ter tomado de amores por uma chinezinha, daquelas que sustentam airoosamente pratinhos de casca de arroz na ponta de varinhas ondulantes.

Tendo provado ao pai que era capaz de viver à sua custa, veio o degelo paterno. Voltou a casa, colou os cacos da malga que quebrara à saída e regressou a Coimbra. Mas, só assentou verdadeiramente «arraiais», depois que se casou com a Lucília, que conheceu no Teatro e a quem jurou que queria «tomar por senhora», em Verona, à beira do Ágide, no decurso da II Delfiada. Só mesmo na terra do Romeu e da Julieta é que o Florêncio foi capaz de considerar «curta a vida para tão longo amor».

Como todos bem sabemos, o que principalmente marcou em nós a «personalidade» do Florêncio, foi a sua alma de artista. A sua alma e o seu traço. Em suma, os seus «bonecos», como tanto, com singela humildade, gostava de dizer.

Quando o Florêncio nasceu em 1924, numa casa vizinha da dos Patudos, o José Relvas ainda era vivo, pois só veio a falecer, crivado de desgostos, em fins de 1929. E, mesmo depois da sua morte, o Florêncio continuou a frequentar o Solar dos Patudos, quer pela mão do padrinho, o Dr. Álvaro Simões, quer do pai, até para andar a cavalo nas lezírias que o circundavam, como tanto gostava de recordar.

É possível que o Florêncio tenha nascido artista, ou seja, «dotado» para as belas artes do desenho e da pintura.

Mas, tenho para mim que adquiriu o gosto do Belo quando em menino percorria, com assiduidade, as galerias do «Solar dos Patudos», onde, como é sabido, o José Relvas, o grande republicano e «ministro-artista», como lhe chamou João Chagas, acumulou da melhor escultura (Soares dos Reis, Machado de Castro, Teixeira Lopes, etc, etc) e da melhor pintura (Columbano, Malhoa, Silva Porto, etc, etc) do tempo, para além de muitos outros expoentes de arte (porcelanas, faianças, azulejos) sobretudo inglesa e holandesa que trouxe das suas constantes viagens diplomáticas ao estrangeiro.

O Florêncio não foi só «artista» de Belas Artes. Foi também «artista» de Teatro, já como actor já, sobretudo, como cenógrafo e caracterizador. Conviveu e trabalhou com os melhores nomes das décadas de 40, 50 e 60, desde o Pedro Bom e o Carlos Montana, do «Teatro Estúdio do Salitre», ao Gino Savioti e ao António Pedro, primeiro em Lisboa, nos «Companheiros do Pátio das Comédias» e depois, aqui no Porto, no «Teatro Experimental», sem nunca se poder esquecer o saudoso Professor Paulo Quintela, do «Teatro dos Estudantes de Coimbra».

Não quero terminar esta memória sem me referir à passagem do Florêncio pelo Porto. Foi aqui que se fez arquitecto e professor na escola que o licenciou. Trabalhou na Câmara, onde executou belíssimos trabalhos, como o espantoso perfil da Escarpa da Sé. Como bom arquitecto que era, desenhou e construiu com o maior amor a casinha dos seus sonhos, ali ao fundo de Aldoar. Mas, infelizmente, pouco a gozou.

Passados apenas cerca de dois anos, «ao cair de uma fria tarde» de Janeiro, recolheu-se ao «campo santo» de Nevogilde, rodeado de muitos e dilectos amigos.

Já não levava ao ombro a velha saca de vago-bundo, da qual, como semeador de «mãos de ouro», tantos e tantos «bonecos» constantemente retirava e distribuía. Essa saca precedeu-o e ainda anda hoje, de mão em mão, no «Jardim Celeste», à disputa entre os anjinhos seus admiradores, constantemente à cata de lápis, pincéis, borrachas, marcadores, papéis e canetas, no fito de imitarem o poeta e artista brincalhão.

Mas, pelo que lhe respeita, tenho por mais certo que ainda vagueia pela «praia purgatória», onde recomeçaremos um dia a conversa interrompida naquele frio e triste entardecer de Janeiro de 1981. Dizem que a Eternidade não tem fim... Teremos, por conseguinte, muito tempo para, de novo, voltarmos a conversar, conversar, conversar...

João de Araújo Correia”

# UM PASSEIO DE VERÃO EM PEREGRINAÇÃO AO ORIENTE

(Versão Académica da “Peregrinação” de Fernão Mendes Pinto)

*Aos 20 dias do mês de Agosto do ano de 1997, me parti de Lisboa, com mais 104 expedicionários, em uma não mais parecida com um passaroco, porque anda pelos ares e não pelos mares, começando uma muy gran peregrinação, por terras do oriente, passando pelo reyno do Sião, de Singapura, da Malásia, de Hong Kong, de Macao, té a uma provincia de chins, chamada de Cantão.*

*Ora, reunidos que estavam todos os que haviam aderido a esta expedição, e que era um grande grupio, e já no (aero)porto deste reyno, a alcaide-mor da A&E, avisadamente, nos indicou o balcão 29, para fazer o devido despacho das fazendas que vão nos batis com que hoje em dia se fazem acompanhar os que fazem peregrinações por longínguas terras e remotas provincias. E assim foi, que feito, ordeiramente, aquele despacho e depois de a dita ave de arribação estar aviada, naquela grande não nos partimos todos com destino à capital do antigo reyno de Sião, onde reina a rainha Sirikit, outrora célebre por sua beleza e formosura e que, por ser bela e formosa, por ela se apaixonou o príncipe que hoje reina naquelas terras, como legítimo sucessor dos Rama, Etreis da dinastia Chakri.*

*Depois de uma longa jornada pelos ares do planeta, prouve a Deus Nosso Senhor que, no dia seguinte, pelas dez horas, chegássemos a salvamento, àquelas terras que, em 1989, deixaram de chamar-se de Sião, para serem hoje conhecidas por **Tailândia**, que quer dizer terra livre, e que se estendem por cerca de 517.000 Kms, tendo por vezinhos os povos da Birmânia, da Malásia, do Laos e do Cambodja, onde, por todos eles, andaram nos tempos antigos de nosso El-Rei Dom Manuel, de saudosa memória, e de El-Rei Dom João, o terceiro, e dos outros que lhes sucederam, no bom governo de nossa gente, e nas venturas das nossas descobertas, fidalgos, capitães e soldados, marinheiros, mercadores, aventureiros e jesuitas, conquistando terras, em busca do ouro e da prata, da pimenta e outras especiarias, para fortalecer nosso reyno, fundando muytas scytorias e edificando muytas fortalezas, à custa de muytos*

*trabalhos e de muytas outras desventuras, como houvéramos de ter a rara fortuna de ver, de nossos próprios olhos.*

*Durante a estadia na cidade que é hoje a capital, cuja fora antes **Ayuthaya**, arrasada pelos birmanes em 1767, depois destes gentios a cercarem prolongadamente, e que depois os siameses não voltaram a reconstruir,*



Por entre as ruínas de Ayuthaya

*mudando a capital para **Thomburi**, que foi crescendo tanto até chegar à outra margem do rio Chao Phrava, onde está hoje **Bangkok**, onde fomos recebidos com muyto agrado das gentes locais, que nos deram um palácio para ali nos sediar-mos e que tem o nome de **Royal Benja Hotel**, numa rua com casas de massagens tailandesas, que só vimos de fora, porque nos ensinaram a ser tementes a Deus e onde só entram desafortados, de cabeça perdida ou que ali perdem a cabeça e nós não podíamos perdê-la, porque tínhamos as mulheres à perna.*

*Mas, seguindo a narração, nesse dia de nossa chegada, fomos de nossa devoção a visitar três templos, todos do bom e gordo buda, que, oriundo da Índia, e depois de ter frequentado uma escola onde mostrara saber mais que todos os lentes, entre 558 e 478 antes da era de Nosso Senhor Jesus Cristo, por muytas nações e provincias dos confins da Asia, a que os geógrafos, de que fala Fernam Mendes, chamavam de “pestaná do mundo”, a fundar a primeira grande religião universal e a moldar os rumos do Oriente e de toda a humanidade. E de tamanha foi a sua moldação que só em Bangkok há mais de trezentos templos em honra dele, cujos nós vimos, logo no*

primeiro dia, três - o de mármore, a que assim chamam por de branco estar pintado, o do buda deitado, com 46 metros de comprimento e 15 de altura, e o do buda de ouro, de 18 quilates, que pesa cinco toneladas e meia - e, no último dia, que foi o da nossa partida para Singapura, aquele a que chamam do Buda de Esmeralda, que não é de esmeralda, mas de uma única pedra de jade, e que é o templo mais belo que eu já vi nesta minha vida, desde que me conheço como gente.

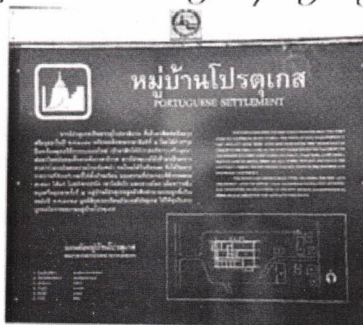


Um grupo num dos Templos



O grupo maior noutro Templo

Nos dias de nossa peregrinação por terras de El-rei Rama IX, nos fomos em visitas também ao real palácio de verão, que fica em **Bang Pa-In**, a mais de 10 léguas da capital, depois do que, embarcando-nos em pequenas náos mais parecidas com jurupangos, fomos pelo rio **Chao Phraya** a cima, com tempos bonanças, até uma povoação pequena, onde houvera, no séc. XVI, uma feytoria portuguesa, perto da defunta capital, como visto:



É vistas as escavações das antigas edificações e os restos dos que nela moravam e que ali foram enterrados, seguimos mais adiante, para mirar ruínas de vários templos antigos, de estilos muy diversos. Também nos fomos ao mercado flutuante que fica em **Damneon Saduak** e aos artefactos de teca em **Ratchaburi** e, no **Jardim**

das Rosas, que fica em **Suan-Sam-Pran**, assistimos a um espectáculo com alifantes, charamelas, trombetas e danças típicas, depois de um banquete, tão melhor como o da véspera, quando nos foi mostrado um machatim, que é como quem diz, um baile mimico.

Não obstante o tempo de nosso ser escasso, ainda houve dele sobras para gastar alguns pardaos em sedas siamesas, brocados, vestidos, bugigangas e outros ataviamentos, cujos havia de baldon, por toda a parte, nos mercados de rua e nas lojas dos mercadores.

Em **Singapura**, cidade-estado independente, no extremo-sul da península de Malaca, fomos muy respeitadores das leis locais, sendo que não há noticia de algum dos nossos ter apanhado chibatadas ou de a alguém ter sido aplicada pena de multa, por mascar em público pastilhas elásticas, conforme à muy rigorosa lei da justiça daquela terra. E aqui fomos de visitas a vários lugares de muy bom aviamento e a um jardim de muytas e variadas orquídeas, e a um bairro de chins e a um templo indú, tendo, ainda, alguns, quiçá os mais devotos de certos templos nocturnos, entrado no **Raffles Hotel**, do nome daquele mercador da Companhia das Índias Orientais, que, em 1819, fundou aquela cidade, para subir ao santuário Long Bar e aqui, com pouco recolhimento e muyta devoçam, saborear o raro, exótico e ali inventado **Singapore Sling**. E como as gentes daquela terra sabiam que éramos forasteiros, nos levaram a uma oficina de belíssimas peças de jade e outras pedras preciosas, para nos mostrarem suas habilidades na fabricaçam de seus artefactos, pensando que, assim, nos levariam à tentação de comprá-los, como, na capital do reyno do Sião, outros já antes tinham feito e como haveriam depois de fazer, mais adiante, em **Hong Kong**, para que gastássemos nossos reais, que é o mesmo que dizer, os nossos dólares, que nos tanto haviam custado a trocar.

Depois, fomos de abalada, para a **Malásia**, calcorreando terras por onde também andaram os nossos portugueses de quinhentos e, ao fim de mais de 30 léguas, nos chegámos à cidade de **Malaca**, adonde os varões assinalados que passaram... pela ilha dos amores... deixaram uma numerosa prole, que, tè hoje, vive num bairro de muytas ruas de nomes portugueses, sendo a principal de nosso **Alfonso de Albuquerque**, esse grande capitão-general, que foi visó-rei da Índia,

leão do bramido espantoso nas ondas do mar; que, em 1511, a conquistou ao sultão Malan, depois do que nela edificou uma fortaleza, ainda hoje conhecida por *A Famosa* que foi portuguesa durante 130 anos. Aqui, depois de mal reconfortados numa hospedaria que dá pelo nome de **Restoran São Pedro**, alguns dos nossos, incluído este escrivão, fomos à casa dum luso-descendente, de nome *George Alcantra*, autor do livro de que muito se ofana, titulado **“Portuguese Heritage”** e que também tem uma hospedaria de comidas e bebidas, conhecida por *Medan Portugis*, que quer dizer **Praça Portuguesa**, onde está, de sua pertença, o **Restoran de Lisbon**, o qual nos manifestou a sua muita emoção de contactar tão nobre gente, que era a mesma dos seus ascendentes, mais nos contando que os seus vizinhos ainda falam um dialecto português, como aquele que pode ser ouvido em outras praças colonizadas pelos portugueses antigos, como *Cochin*, *Ceylon*, *Macao*, *Coracao* e em certas províncias da Índia, tendo muita pena de a todos não poder fazer honras e cortezias e de muitas outras cousas de que agora não sou lembrado. E despedindo-nos então dele com muitas palavras de cumprimentos e pelo melhor modo que pudemos, passámos junto ao porto da cidade, adonde aportaram muitas caravelas, velas latinas, galés, galeões, lancharas e batões, fustas e bargantins de nossos *El-Reis de Portugal*, os quais tiveram o domínio daqueles mares durante mais de século e meio e adonde está surta uma réplica da não-**Flor de La Mar**, cuja foi capitão *Afonso de Albuquerque*, na conquista de *Ormuz*, mas que, um dia, se soçobrou per causa de um tifyon, à vista de *Malaca*, jazendo, há mais de 400 anos, no fundo dos mares.

Chegando depois té junto do lugar onde se ergueu *A Famosa* dita, cuja só resta a **Porta de Sant'Iago** e, subindo ao alto do morro, nos detivemos nas ruínas da **Igreja de São Paulo**, que tem muita estória, sendo que ali observámos, com muito respeito e devoçam, o lugar onde esteve sepultado, entre *Março* e *Dezembro* de 1553, mês em que foi trasladado definitivamente para *Goa*, o corpo de *S. Francisco Xavier*, depois que veio da ilha de *Sancien*, na *China*, onde morreu, em *Dezembro* de 1552. E daqui mais não vos direi, por evitar prolixidade e não me deter em particularidades que seriam muito largas de contar.



Portugueses nas Portas de Sant'Iago

E vistas, no geral, todas as cousas dignas de ser vistas, como foi um bairro antigo de chins e de casas que foram dos holandeses que tomaram *A Famosa* em 1611, nos partimos para a capital deste reyno da *Malásia*, a que chamam **Kuala Lumpur**, que é vista como a **Cidade Jardim das Luzes**, que também tem algumas cousas assaz curiosas, cujas são, entre outras, a muy elegante torre das comunicações do nosso tempo, conhecida na lingua dos malayos por **Menara Kuala Lumpur**, com 421 metros de altura, e a **Petronas Twin Towers**, que são duas edificações das mais altas do mundo. Visitámos, ali também, um templo mouro, a que nós chamamos de mesquita, de estilo hispano-árabe e o museu nacional, de estrutura palaciana, no velho estilo malayo e a **Merdeka Square**, que, em nossa lingua, quer dizer **Praça da Independência**, lugar muy importante e estórico, onde se encontra o pau de bandeira mais alto do mundo.

Nesta cidade, tivemos um banquete de muitas comidas, ao modo malayo, festejado com charamelas, trombetas e atabales e com músicas de boas falas à malaya, com doçainas e violas d'arco, que faria a muitos, nos tempos antigos, meter o dedo na boca em sinal de grandíssimo espanto.



Parte do grupo junto ao Monumento da Independência

Depois abalámos para **Hong Kong**, que é uma muy bela cidade de que hoje a *China* já tem

*muyto gosto em ser dela, ficando instalados em Kowloon e dali nos fomos de visitas a muytos lugares de belas vistas, como é o monte mais alto daquela terra, a que chamam Victoria Peak, ao Man Mo Temple, de frente do mar, em honra à deusa dos pescadores e que é o mais antigo de todolo sul da China, em Repulse Bay, passando depois por Deep Water Bay e por Aberdeen, adonde, nos embarcando em grupos de dez em uns juncos, com mulheres ao leme, porque os homens são pescadores e andavam nas pescarias, percorremos a cidade flutuante, adonde meio milhão de almas nasce, cresce, compra e vende, como se faz em terra firme, indo a almoçar ao flutuante Jumbo Restaurant, que é pertença de um dos magnatas locais, o muy conhecido baron Stanley Ho, tendo, mais de tarde, nós feito uma incurçam pelo Stanley Market, onde há muytos regalos e bonitas cousas de vestir. E quando já era caída a noite, na véspera de nossa partida para Macau, que a seguir vos haverei de contar, embarcámos numa soberba não, maior que um dos nossos antigos galeões, e, nela navegando bonançosamente pela baía, fomos gozando a beleza da cidade iluminada, enquanto a música nos embalava e os estômagos se iam reconfortando com iguarias ocidentais e chins, muyto do agrado de todos nós, que, no final, e por estarmos muy contentes com tudo o que nos tinha sido dado a ver e viver, dançámos ao som de modas do nosso tempo, até a dita não estar atracada, na ilha de Kóng Kóng propriamente dita, a que também chamam de Nossa Senhora da Victoria. Mas, continuando a euforia, e a pesar da muyta emoção e do muyto cansaço de que estávamos possuídos, ainda nos fomos de visita ao Victoria Peak, para, de lá ficarmos desta vez, maravilhados com o feérico espectáculo de uma cidade fascinante e de uma baía deslumbrante.*

*Com tudo isto, como já vo-lo disse, muy cansados, mas muy contentes, nos restava regressar, o que fizemos cantando, té ao Royal Pacific Hotel, para fazer meia noite, que é o mesmo que dormir repousadamente.*

*Nô dia seguinte, depois das horas de prima, e antes de continuarmos nossa peregrinação, o que veio só de acontecer pelo fim da tarde, nos fomos, desconcertadamente, pelas lojas dos mercadores de Kowloon, como é de costume fazer, naquela terra, para aviarmos nossos baús*

*com sedas, vestidos e fazendas da China e outros atavios muy vários, que por lá abundam, deixando ali mais aliviadas as nossas bolsas dos pardaos, cruzados, ducados e reais, com que, para tal, cada um de nós se havia provido.*



Honrando a Deusa, em Repulse Bay



As A.A.E.C. da Madeira (ao centro), de Coimbra (à direita) e de Lisboa (à esquerda), pontificando no Jumbo Restaurant

*Despois então, tomando uma não daquele senhor de que já vos falei e que dizem que tem muytas mais e muytos outros negócios por ali e por outras províncias e reynos, incluindo o nosso, e não havendo noticia de tífón que já por lá houvera passado, fazendo muytos estragos, navegámos té onde está Macau, adonde aportámos, a horas de vésperas, no moderno terminal inaugurado no ano de 1993, com uma área coberta de 60.000m quadrados, que pode suportar um afluxo anual de 30 milhões de forasteiros.*

*Feitas as devidas e convenientes acomodações no Hotel Grandeur, e logo que no salão que sobre ele gira nos repastámos, nos partimos té ao Casino-Hotel Lisboa, em buscas de pérolas, cujas dizem ser as mais verdadeiras, por estarmos, quiçá, na foz do delta do grande rio do mesmo nome. Pela deusa da pérola que vi iluminada na baía da bela cidade china de Kómpak, que quer dizer arco do norte, na zona económica especial de Zhuhai, vos juro, que nunca de minha vida meus olhos viram tam grande sofreguice, nem meus ouvidos ouviram tamanha vozearia, em tam pouco e apertado espaço, para comprar femininos atavios tais.*

*Mas em minha narraçam desta nossa longa peregrinaçam por todalas terras que já deixei ditas e antes que vos dê, de minha conta, o que em Macau a todos nós foi dado a ver e ouvir, que vos mais adeantamente, prometo, vos dou certezas de que, inda sendo manhã cedo, saindo desta cidade qu'è inda nossa, nos fomos, por terra, té Cantão, atravessando a dita zona económica especial de Zhuhai, uma das três que Deng Xiaoping, que Deus haja, criou em Agosto de ano de 1980, na provincia de Cantão, tomando conhecimento de como são os campos desta China, de mais de dois mil e duzentos milhões de chins. E, chegados àquela cidade nos fomos logo a ver uma antiga casa grande do clan Chen, que ali viveu no tempo dos poderosos mandarins, com muytas riquezas que lá estão para apreço dos forasteiros, cujas eram móveis, e muytos artefactos caros de marfim e jade, trabalhados com paciência china, vestidos, toalhas e brocados e muytas outras cousas dignas de ser vistas.*

*E despois que nos confortámos, numa muy gran hospedaria adonde estivera o grande timoneiro Deng e outros mayorais agremiados, com muytas iguarias próprias daquela terra china, cujas não conheço os devidos nomes, para que agora vo-las dissesse, nos fomos té mais um templo, adonde estavam em oraçam muytos crentes e seus bonzos, sendo que um destes, que estava à frente, era muyto velho e parecia ser o presidente, os quais, bonzos e crentes, ritmadamente com toques de campainhas, se alevantavam, se ajoelhavam e se curvavam té a cabeça tocar no chão, ao deante de três muy grandes budas, cujos um representava o passado, o outro o presente e o terceiro o futuro. E, acabada aquela cerimônia rezada e cantada, vi uma cousa curiosa de ver, qual seja a de que os crentes beijavam as mãos do velho bonzo, devidamente paramentado com a sua faixa amarela côr de ouro, de viés, a deixar o seu escanifrado ombro esquerdo descoberto, que a todolos que dele se abeiravam, ele abençoava, enquanto recebia presentes, com muytos sorrisos e sinais de serena satisfação.*

*E a terminar esta nossa incurçam por terras de Cantão, e antes que nos fôrmos de regresso a Macau, nos levaram té um armazém muy grande, de variadas cousas chinas, que só forasteiros, com moedas fortes, podem comprar, cujas eram sedas, louças daquela terra, peças de*

*marfim, jade e madeiras raras.*

*O fim desta nossa já longa peregrinaçam estava só a um dia adeante, e a vós, que me tendes estado a ler, não quero continuar a cansar com esta mal arremedada escrita.*

Todavia, do que vimos e ouvimos em **Macau**, deveria, agora, contar na **docí lingu maquista**, mas porque apenas sei que existe essa típica papiaçam, ousarei contar-vo-lo na língua que ora falamos, começando por confessar que ouvi de muitos dos companheiros de jornada falar das penas, de que eu partilhava, em não termos começado por aqui o nosso passeio de Verão ou, então, de não podermos ficar mais uns dias nesta cidade e território, que até parece cheirar de forma diferente da dos outros e que, sendo chinês, é de administração portuguesa, desde 1557.

O dia que passámos em Macau (que foi, praticamente, apenas um), começou cedo, para visitar a cidade e passar pelas ilhas da **Taipa** e de **Coloane**. Acompanhados de guias locais, passámos pelo **Palácio da Praia Grande** (aonde voltaremos à noite, antes do jantar), a caminho da colina da Penha, onde se ergue a **Ermida de Nossa Senhora da Penha de França**, construída, como se lê na lápide colocada ao lado da porta principal, em 1934/1935 em substituição da primitiva capela edificada em 1662 e reedificada em 1837. Reza a história que a capela primitiva fora mandada construir pela tripulação do barco S.Bartolomeu, que fazia a carreira para o Japão, por este santo a ter salvo de um ataque dos piratas holandeses, que naquela época infestavam os mares do sul da China, e erigida pelos frades do Convento de Santo Agostinho, a quem fora doado o dinheiro necessário à sua edificação e que foram os seus administradores.

Do alto da Penha tem-se o panorama de toda a cidade de Macau, dali se vendo o **Palacete de Santa Sancha**, nas encostas da colina, o qual, construído nos meados do século passado, foi adquirido em 1893 pelo rico comerciante de ópio, Herbert Dent, cujo filho o vendeu, em 1923, ao Governo de Macau. Edifício com história, é residência oficial dos Governadores do território desde 1937, depois de ter servido, entretanto, de hospital, museu e dispensário. Dali também se vêem o Banco da China, que é o edifício mais alto do território, dominante e majestoso, inaugurado em 1992, com 163 metros de altura e 33 pisos e muitos outros, importantes e históricos, um dos quais é uma das residências do Senhor dos Casinos de Macau, o já conhecido Sr. Stanley Ho.

Deixando o miradouro do alto da colina da Penha, visitámos o templo mais antigo, já existente à data do primeiro contacto dos portugueses com o território da China, em 1501, o *templo da deusa do taoísmo, A-Ma-Gao*, ou simplesmente, A-Ma, deusa dos mares, de cujo nome derivará o de Macau.

Do outro lado da rua, fica o *Museu Marítimo*, obra notável, com muitas miniaturas de naus e galeões antigos e outras embarcações, as mais diversas, comerciais e de guerra, e ainda instrumentos náuticos de medição do tempo, da velocidade e de localização dos navios e da profundidade dos mares, armas e peças de artilharia, vários testemunhos da chegada dos portugueses ao Japão e das viagens dos nossos navegadores na aventura dos descobrimentos.

E, seguindo mais adiante, fomos té às *Portas do Cerco*, um dos ex-libris da cidade, para tirar fotografias-recordações da passagem por Macau e examinar como foi a evolução da cidade ao longo dos vários séculos, em lindos painéis de azulejos. Ali mesmo, não podia deixar de vir um aviso, muito inocente, que não resisto a recordar:

*“Minhas senhoras, aconselha-se uma visita àquela joalheria, para comprar peças de jade da Birmânia, garantidas, embora também as haja da China, mas não são tão valiosas, e peças de ouro e cloisonés, que só há aqui!... Olhem que em Portugal não se encontram!... São únicas!...”*



As bandeiras Portuguesa e Chinesa nas *Portas do Cerco*

Prosseguindo a visita, apeámo-nos junto ao *Jardim dos Passarinhos* para fazer a indispensável romagem à *Gruta de Camões* e homenagear o nosso Vate, com as tradicionais fotos, junto ao seu busto e à primeira estrofe do Canto Primeiro da sua imortal Epopeia.

Daqui, continuando a pé, fomos até à *Igreja de Santo António*, cujo interior visitámos, seguindo para as ruínas da *Igreja de São Paulo*, dedicada a Nossa Senhora, como pode ver-se da inscrição

“MATER DEI”, por sobre a porta principal. Destruída por um incêndio em 26 de Janeiro de 1845, dela ficou de pé apenas a fachada, que é outro dos ex-libris da cidade. Descendo a monumental escadaria, passeámos pela Rua de São Paulo, seguindo pela Rua da Palha, e ao lado da Travessa dos Algibebes, pela Rua e Largo de São Domingos té ao Largo do Senado, de calçada portuguesa, no topo do qual fica o edifício do Leal Senado, datado do séc. XVI, com muita história, onde funciona a Câmara Municipal, criada por um Decreto de 1586 do vice-rei da Índia.

Acabando praticamente aqui esta visita apeada, rumámos pela *Ponte Nobre de Carvalho* para Coloane, em cuja Pousada almoçámos, com direito a um copo de bom vinho português, regressando à cidade pela *Ponte da Amizade*, inaugurada em 1994, com 4,5km de comprimento, quatro faixas de rodagem e 19,30m de largura.

Trazidos de regresso à cidade e apeados junto ao *Leal Senado*, a tarde da maioria foi passada nas últimas compras pelas ruas de Macau, na procura de pechinchas, porque, para tanto, não mais haveria tempo livre.

À noite, teve lugar a anunciada recepção no belíssimo Palácio da Praia Grande, onde, em nome do Sr. Governador, ausente do território em serviço oficial, nos esperava o Senhor Coronel Raiano, que, mostrando-nos algumas das salas, nos deu explicações sobre o palácio e a sua utilização como sede do Governo, da Assembleia Legislativa e do Conselho Consultivo do Governador, recordando que fora construído em 1849 e pertença dos barões do Cercal, mas, devido aos problemas económicos desta família, fora arrematado pelo governo, em hasta pública, em 1881.

Saídos do Palácio da Praia Grande, dirigimo-nos ao *Museu do Vinho*, tendo sido aqui recebidos pelo Sr. Dr. Jorge Rangel, Secretário-Adjunto para a Administração, Educação e Juventude, na qualidade de representante de Sua Excelência o Sr. Governador e do Governo, o qual, tendo a seu lado a Presidente da nossa Associação e o coimbrão Jorge Humberto (uma das antigas glórias da imortal Biosa e médico, há muitos anos, em Macau), nos fez uma desenvolvida exposição, de forma muito clara e muito brilhante, sobre a história e a vida actual do território, nas suas múltiplas vertentes económicas, sociais, educacionais, culturais, jurídicas e judiciárias e empresariais, enfatizando, particularmente, as preocupações e os esforços do actual Governo - a que preside, como referiu, mui

dignamente e com muito sentido de Estado, o Sr. General Vasco Rocha Vieira - em deixar indelével, pelos séculos vindouros, a marca de Portugal neste território, que em 19 de Dezembro de 1999 passará a ser administrado, definitivamente, pela China, em conformidade com os compromissos assumidos na Declaração Conjunta Luso-Chinesa e na Lei Básica da Região Administrativa Especial de Macau, que deverá vigorar, pelo menos, até 2049. Tais compromissos tiveram e têm por base o respeito pelos valores culturais da portugalidade, caracterizada pela harmonia entre raças, religiões e sistemas diferentes, no respeito pelos direitos, liberdades e garantias individuais.

Terminada a sessão, seguiu-se na sala de exposições do museu, por entre 1.050 marcas de vinhos portugueses, chineses e de outras origens, engarrafados, um opíparo jantar, oferecido pelo Governo do Território, findo o qual, com o brilhantismo a que, há muito, nos habituou, a nossa Presidente agradeceu ao Sr. Secretário-Adjunto e, por ele, ao Sr. Governador e a todo o Governo de Macau, o acolhimento, a magnânima generosidade e as honrarias que nos haviam sido dispensadas, e, louvando uma sugestão do Sr. Secretário-Adjunto, feita durante a exposição acima referida, prometeu levar à consideração e votação da Direcção da AAECL uma

proposta que vise aprovar e concretizar a celebração de um Protocolo entre a nossa Associação e a Associação dos Antigos Estudantes da Universidade de Macau no sentido do fortalecimento dos laços que hão-de ligar, para sempre, Portugal a este território e cidade do Santo Nome de Deus.

Depois de mais uma manifestação de cortezia e de magnanimidade do Dr. Jorge Rangel, consubstanciada na oferta a cada dos elementos presentes de um conjunto de reproduções de gravuras e quadros do Museu de Macau, despedimo-nos com a tradicional saudação académica coimbrã.

Enfim, recordando as palavras do discurso da nossa Presidente, **Macau ficou, definitivamente, em nossos corações.**

*Finalmente, voltando à minha primitiva escrita de narração, vos digo que, aos 2 dias do mês de Setembro, sendo já horas de completas, regresssei a este nosso reyno, com léguas muyto percorridas, com todolos que conmigo han começado esta gran peregrinaçam, da forma que aqui vo-la deixei contada, mas só Deos sabe como o pobre de mim chegou a salvamento a esta Lisboa, que era mais morto que vivo.*

*José Marques Gomes*

## RECORDANDO

... uma figura da velha Coimbra dos meus tempos.

Em 18 de Junho de 1977, faleceu em Coimbra o Professor Doutor Elysio de Moura, com a linda idade de 100 anos menos dois meses.

Como penso que este Homem não pode desaparecer nunca da memória de quem algum dia teve a satisfação de o conhecer pessoalmente, julgo-me no dever de lembrá-lo no "Capa e Batina", como preito da maior admiração e estima que desde "menina e moça" sempre lhe devotei.

Recordarei aqui o que dele se escreveu na sua despedida :

*«Homem verdadeiramente excepcional, revelou-se duma grandeza ímpar; inteligência invulgar, memória assombrosa, intensa vivacidade de espírito, argúcia penetrante, poderes de persuasão irresistíveis. A estes e outros excepcionais talentos, junte-se-lhe aquela vibrátil figura carismática de cabeleira farta e branquíssima, de olhos de raro brilho hipnótico capaz de radiografar a própria alma da pessoa, e teremos o*

*mago a operar as curas mais espectaculares que se verificaram neste País até então.»*

Surge diante de nós, na sua estatura a corpo inteiro, o Homem aureolado pelos louvores e agradecimentos de tantos dos seus doentes que ele salvou do desespero e restituiu a alegria de viver.

A sua elevada personalidade de intelectual foi claramente bem equilibrada com a sua Fé viva de católico de convicções firmes e de acção operante a favor do próximo.

Fez da Medicina um verdadeiro sacerdócio; e, para além disso, sacrificou tudo o que tinha e sacrificou-se ele próprio, para se dedicar sem limites às crianças necessitadas da **Casa da Infância Doutor Elysio de Moura** que recebeu e preparou para a Vida, milhares e milhares de meninas desprotegidas.

Na sua urna, podia admirar-se o corpo do Mestre preclaríssimo, envolto na capa velhinha de catedrático e cingido pelo cordão do imortal "Pobrezinho de Assis".

Ainda hoje em Coimbra se lembra este Sábio

que sempre viveu com a maior humildade.

Tive a honra de pertencer à Direcção da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, Delegação de Lisboa, que, então, em boa hora, convidou algumas das suas pupilas a assistir a um dos nossos frequentes convívios em que o Mestre foi homenageado, ficando distribuídas pelas nossas

próprias casas, onde as acarinhámos o mais que pudemos. Todos os nossos associados que estiveram presentes, no Espelho D'Água, deliraram com este convívio e recordaram com saudades o Mestre que já tinha partido.

É bom recordar ! É dever lembrar !

M<sup>a</sup> Antónia

## DA PRIMEIRA FOLHA DA SEBENTA (3)

Pelos inícios dos anos quarenta foi aquele reboiço. Pela cabeça de um ministro de Obras Públicas passou aquela peregrina ideia de abater a velha Alta para, à volta da Alma Mater, desrespeitando a vontade do Senado, fazer construir uma cidade universitária. Começou por ser abatida a Alameda de Camões, onde estava o monumento que a academia erigira ao vate, um plinto com simples obelisco e um leão de bronze, assexuado em nome ao que parece dos bons costumes, mas que mereceu do vate homenageado a transcrição de dois famosos versos :

*Mais vale não tê-los e merecê-los  
Que tê-los e não os merecer.*

Com a Alameda lá foi a Rua das Cozinhas, insalubre de gatos, espinhas de peixe e rostos de meninas macilentas, a Rua de S.João, logo a Rua Larga, o Largo do Castelo, o espectacular rebentamento do Arco que ligava S. Jerónimo ao Hospital dos Lázarus, depois todo o espaço de ruas e ruelas que desciam até ao CADC, com prédios onde placas imortalizavam figuras da Academia que foram glórias pátrias. Na Rua Larga, apenas resistiu por algum tempo a leitaria do Joaquim Pirata.

*Já toda a cidade  
Pra falar a verdade  
Anda em grande revolução  
As casas da Alta  
Que eram da Malta  
Já'stão todas pelo chão*

*Foi-se o Jesuíta  
E foi uma fita  
Pró pôr a cavar de lá  
O velho Pirata  
Com a sua lata  
Vai ficando aonde está.*

Cantiga com uma música então em voga, a do Galo Guerreiro, de que se reproduz pequena

parte da letra, registava o facto do Pirata permanecer longo tempo no prédio da Rua Larga que fazia esquina com a de S. João, salvo já da parede o emblema da Académica, todo em azulejos, que adornava a fachada. A cantiga, na mordacidade e revolta que o camartelo desencadeara, contava ainda que “assim se acaba com a Lusa-Atenas / são obras que duram mil anos apenas” e que “mesmo sem malícia / queimou a polícia / mais o Governo Civil”, alusão ao incêndio que subitamente devorou o Convento dos Lóios, entre a Rua Larga e o Largo da Feira, espaço que deu lugar à actual Faculdade de Medicina, e onde estava a esquadra da Alta e sediado o Governo Civil. Nas obras demolidoras e sem perdão, foram encontradas as ruínas da velha cidade romana, mas toca a tapar que se faz tarde, não fosse a arqueologia parar a imagem arquitectónica e mamuda do regime.

A Academia manifestou-se, algumas fotografias puderam ser tiradas clandestinamente, apesar da vigilância da PVDE (a célebre Pevide), senão que memória, que os desse tempo quase todos nos deixaram. Havemos de voltar a este assunto. Por essa altura frequentava Medicina um santo homem que ainda bem conheci, figura de estudante que se distinguia pela finura da sua ironia. Certo dia, em acto creio que de Fisiologia ou Química Fisiológica ou Farmacologia, o mestre, que não seria ainda o Beló, talvez o Guimarães dito o farmacoco, perguntou-lhe :

- Sr. P.M., o que acontece no metabolismo de alguém que coma uma vela de estearina?

O aluno, preocupado com a acção de sucos e funções, não se desmancha, e reverte:

- V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> permite-me uma pergunta, indispensável à minha resposta?

- Faça favor! - exclamou com enfado o professor.

- A vela é com pavio ou sem pavio ?

Parece que o resultado não foi tão brilhante como o espírito deste académico, que foi depois um reputado clínico.

José Henrique Dias

# 2ª REUNIÃO DAS DIRECÇÕES DAS ASSOCIAÇÕES DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA

- Síntese -

Conforme deliberado aquando da 1ª Reunião (25 de Janeiro, em Coimbra), realizou-se no dia 28 de Junho, em Braga, o segundo encontro das Direcções das A.A.E.C. de Braga, Porto, Coimbra, Lisboa e Madeira, enriquecido com a presença, a título de observadora, da representante da recém-constituída Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Vale do Sousa, Natália Matos, advogada em Felgueiras.

Teve como ordem de trabalhos a análise e discussão:

- do **“Anteprojecto de Estatutos da Federação das A.A.E.C.”**, elaborado pela nossa Direcção e anteriormente enviado à Associação de Coimbra;

-do Anteprojecto congénere aí apresentado pela Associação do Porto;

-das **“Reflexões sobre a Fórmula de Coordenação das Associações de Antigos Estudantes de Coimbra”**, propostas pela Associação de Coimbra, do seguinte teor:

*“Como é natural, todos os antigos estudantes de Coimbra mais activos nas suas Associações têm o desejo legítimo de conferir ao seu movimento uma dimensão mais alargada do que a das Associações isoladamente. Tal dimensão corresponderia, afinal, ao peso dos seus membros potenciais espalhados por todo o País e pelo estrangeiro.*

*No entanto, esse desejo não deve impedir-nos de avaliar a realidade e a ela adequar a escolha da “velocidade” com que devemos percorrer os nossos caminhos.*

*As realidades de hoje e que nos parece devermos ter em conta, resumem-se às seguintes :*

• *As AAEC's são ainda em número diminuto e com poucos associados relativamente ao seu potencial;*

• *Também por esse motivo a sua capacidade financeira é bastante limitada.*

*Face a estes factos não devemos equacionar uma estrutura coordenadora pesada que se venha a revelar disforme relativamente aos seus membros ou ineficaz por falta de meios.*

*Assim, a nossa proposta vai no sentido da criação de um CONSELHO DE PRESIDENTES que reunir-se-ia regularmente (semestralmente?).*

*Apenas como sugestões, esse Conselho:*

• *teria uma presidência rotativa entre reuniões;*

• *participariam nele os membros das Direcções que cada uma entendesse apesar de que só teria direito a voto o Presidente.*

• *Teria como objectivos fundamentais as alíneas a), b), c) e f) da proposta da Associação de Lisboa.*

*Seria este, parece-nos, um primeiro passo no sentido de uma estrutura mais pesada que, esperamos, se venha a justificar no futuro”.*

São estes os objectivos invocados:

*“a) Coordenar todas as iniciativas tendentes a dignificar o bom nome e o prestígio dos antigos estudantes de Coimbra e da sua Universidade;*

*b) Promover reuniões periódicas entre as Direcções das Associações, para discussão e resolução de assuntos ou questões de interesse comum;*

*c) Incentivar as Associações na realização de eventos comuns, designadamente passeios e visitas de estudo e de recreio, conferências, deslocações a Coimbra e de tudo quanto concorra para desenvolver a sã camaradagem e convivência entre todos os antigos estudantes de Coimbra;*

*f) Fomentar e apoiar a constituição de novas Associações”.*

Postas à discussão as transcritas Reflexões, foi desde logo levantada a objecção da falta de legitimidade estatutária para a criação de um conselho de presidentes com poderes deliberativos e reiterado o propósito de se avançar para a constituição de uma Federação, embora acautelando devidamente a autonomia de cada uma das associações federadas.

Um dos argumentos mais decisivos consistiu em ser a Federação o mais adequado e eficaz instrumento de representação de todas as Associações do Conselho Social da Universidade de Coimbra.

No final, ficou assente a criação de uma *“Comissão de Redacção”* do projecto de estatutos, com base nos dois anteprojectos apresentados e nos que entretanto ainda surgissem, constituída por Coimbra (Avelino Silva), Porto (José Moniz) e Lisboa (Alcindo Costa), o qual será analisado na próxima reunião, a realizar no Porto no dia 29 de Novembro próximo.







# SE NÃO SABIAS, FICAS A SABER QUE...

## ... PATRIMÓNIO CULTURAL DA A.A.E.C.L.

1. A nossa pequenina **Biblioteca** começa a tomar corpo.

Ela não é mais que a incipiente «Biblioteca Especializada em Temática Coimbrã» que nós desejamos, a pouco e pouco, ir formando para deleite dos nossos Associados.

Para já, temos devidamente carimbadas, catalogadas e cotadas 400 obras cujos catálogos anamástico e didascálico estão quase completos.

Desejas contribuir também com algumas obras que versem assuntos que se enquadrem na temática da nossa Biblioteca? Aceitamos e esperamos as tuas valiosíssimas “ofertas”.

2. A par da nossa Biblioteca, temos um pequeno **acervo documental** sobre “Coimbra, a Universidade e a sua Academia”.

Estes documentos têm sido oferecidos por alguns dos nossos sócios e constituem um “fundo” de muito valor estimativo e histórico. Estamos a “tratá-lo” e a organizá-lo, para consulta dos nossos Associados.

3. Informamos ainda que o **Arquivo Fotográfico** está bem fornecido de recordações de todas as actividades que temos vindo a proporcionar aos nossos Associados. As fotos estão a ser legendadas, datadas e postas em álbuns para uma melhor consulta. São “documentos” que têm merecido todo o nosso interesse e dedicação.

- Aos nossos doadores: Ângelo de Araújo, Manuela Teixeira Santos, Isabel Alexandre, Maria do Céu Santos, João de Deus Quintela, João Maria, Murta Rebelo, Moura Coutinho, Manuela Alves da Costa, Fernanda Esteves, António Almeida Figueiredo e tantos outros anónimos os nossos agradecimentos.

••• **A Rádiodifusão Portuguesa** reiniciou, em 4 de Junho, uma memorável série “Recordar para o Futuro”, tendo já exibido sete visionamentos (em regra duas vezes por mês, às 2ª feiras, pelas 17h e 30m, na Avª 5 de Outubro), para os quais convida os sócios da nossa Associação que o sempre jovem Colega Brigadeiro Quintela vai “angariando”...

Quem quiser usufruir de uma hora de excelente retrospectiva dos acontecimentos nacionais e internacionais, correndo todos os quadrantes e seguida de pequeno debate, comunique já para a Sede, a fim de passar a receber os convites.

••• O nosso Colega Carlos Carranca, na qualidade de Director da Biblioteca Geral e Actividades

Culturais da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, promoveu, no dia 19 de Junho, o lançamento da obra “**Errância e Enraizamento**”, do também nosso Colega Manuel Alegre, apresentado pelo também coimbrão Medeiros Ferreira, numa sessão muito interessada e com forte dominância de jovens presentes.

••• **A Associação Académica de Coimbra** - com quem temos mantido relações de solidariedade - está a celebrar (entre 28 de Outubro e 25 de Novembro) o seu 110º Aniversário, com um intenso programa de actividades e animação cultural como só os jovens sabem fazer!

Se quiseres confraternizar, fala para o 039 - 850 030.

## E ACREDITAS QUE...

••• Não tivemos um único anúncio para publicar neste “Capa e Batina”???

••• Estamos em Outubro e ainda há mais de 100 quotas por pagar, relativas a este ano e a anos anteriores???

### PRÓXIMAS ACTIVIDADES

1. **MISSA** por sufrágio dos Antigos Estudantes de Coimbra, no dia 21 de Novembro, às 18h, na Igreja de S. João de Deus (à Praça de Londres).

2. **TOMADA DA BASTILHA** - dia 22 de Novembro, no Casino do Estoril com:

- Debate (das 15h às 17h) e Exposição sobre “A Canção de Coimbra”

- Coimbra de Honra (convívio) às 19h

- Jantar (às 20h)

- Show do Casino

- Show Nosso

- Balada da Despedida (à 1h e 30m)

3. **RÉVEILON** - dia 31 de Dezembro

- Programa e condições a informar oportunamente.

Será desta vez que os nossos Colegas contribuem para a divulgação do Capa e Batina, enviando os selos do porte?!

Para já, **públicos agradecimentos** aos generosos Colegas que já os mandaram!!!

E quando teremos todas as quotas em dia?